



A LÓGICA NEOLIBERAL, RACISMO E EDUCAÇÃO

Maria Zilda de O. Valim¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo desenvolver uma reflexão relacionando a lógica neoliberal ao racismo e à educação. O percurso, para este fim, se deu a partir de uma metodologia dialógica reflexiva, pondo em conversa autores da filosofia, da literatura negra e da pedagogia. A necessidade de pensarmos o neoliberalismo atrelado às diferentes dimensões da vida se impõe na medida em que trata-se de um fenômeno complexo, que se manifesta para além das teorias e do campo econômico, tendo impacto na realidade social. Infere-se, por fim, que o neoliberalismo age à distância, produzindo subjetividade e estendendo seus tentáculos às diversas dimensões da vida.

Palavras-chave: neoliberalismo; racismo; educação; pluralidade; diferença.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo desarrollar una reflexión relacionando la lógica neoliberal con el racismo y la educación. El curso, para ello, se basó en una metodología dialógica reflexiva, poniendo en conversación a autores de filosofía, literatura negra y pedagogía. La necesidad de pensar el neoliberalismo vinculado a las diferentes dimensiones de la vida se impone en la medida en que se trata de un fenómeno complejo, que se manifiesta más allá de las teorías y del campo económico, impactando en la realidad social. Finalmente, se infiere que el neoliberalismo actúa a distancia, produciendo subjetividad y extendiendo sus tentáculos a las diversas dimensiones de la vida.

Palabras clave: neoliberalismo; racismo; educación; pluralidad; diferencia.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A história do pensamento se divide em quatro grandes períodos: antigo, medieval, moderno e contemporâneo. Interessa-nos para este ensaio o contexto da modernidade em diante, afinal, é nele em que o antropocentrismo, aliado à ideia de progresso, se inclinará para supervalorizar a razão humana. O objetivo do presente ensaio é discutir a relação do neoliberalismo, enquanto nova razão do mundo, com o racismo e

¹ Mestranda em educação, UCS. Bolsista PROSUC/CAPES.

Revista Gepesvida

a educação. Os pensamentos de Cida Bento na obra *Pacto da Branquitude*, as reflexões desenvolvidas por Dardot e Laval em *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*, bem como os desdobramentos históricos apresentados por Franco Cambi em *História da Pedagogia* foram fundamentais para esta escrita.

De acordo com Cambi, a modernidade se mostra como uma revolução com relação ao período que a antecede. “Uma revolução em muitos âmbitos: geográfico, econômico, político, social, ideológico, cultural e pedagógico” (1999, p. 196). Também conhecida por um de seus períodos denominado século das luzes, coloca a razão como centro de todo progresso e verdade. Acontece que, nesse contexto, temos um ideal de sujeito que pela consciência alcança a razão universal. Trata-se da busca pela verdade, a crença racional no absoluto. Como todo pensamento brota de um contexto, é preciso compreender, para além das teorias, o impacto que estas perspectivas têm no plano social.

Sabe-se que a história humana é permeada pela dominação. Historicamente, povos considerados civilizados autorizavam-se a avançar sobre outros povos, sob a justificativa de combate à barbárie. A este movimento chamarei de pretexto civilizatório: a busca de justificativas para a dominação do outro. Olhemos para a história do Brasil, a dominação inicial e o racismo presente nos dias de hoje se querem justificados, despercebidos. Reduzir o outro à inferioridade e a necessidade de normalização é uma característica clássica da dicotomia entre bárbaro e civilizado, se refletindo nos mais diversos setores, como a cultura, a educação e a religiosidade. Assim, o “outro” é tudo aquilo que difere do padrão da colonialidade.

Penso em Max Horkheimer e Theodor Adorno que, em sua *Dialética do Esclarecimento* publicada em 1947, procuravam compreender por que a humanidade, “em vez de dar início a condições verdadeiramente humanas, mergulha numa nova forma de barbárie”. Para nossos autores, não é apenas a História, como história da luta de classes, que é marcada com o ferro em brasa da barbárie; é a própria razão que revela sua natureza bárbara desde a aurora da humanidade. A razão é posta como totalitária porque, em sua necessidade ávida de universalidade, ela só conhece a unidade, o que equivale a levar à destruição de todas as singularidades. (MATTÉI, 2002, p. 11)

É preciso perceber, portanto, que ao elencar um ideal de ser humano, automaticamente, há anulação de todo aquele que difere deste ideal. Nesse sentido, é na própria modernidade, século das luzes, da liberdade, da racionalidade, que surgem as pseudocientíficas teorias raciais. O conceito de raça nasce para hierarquizar, distinguir, classificar pessoas. O contexto das luzes, não podemos esquecer, foi também o contexto

Revista Gepesvida

da ascensão da escravização pelo mundo. Nesse sentido, Fanon escancara, bem como o faz a teoria crítica, que é do próprio interior da civilização que brota a barbárie:

Quando um antilhano bacharel em filosofia opta por não disputar uma vaga de docente, tendo em vista sua cor, digo que a filosofia nunca salvou ninguém. Quando outro insiste em me provar que os negros são tão inteligentes quanto os brancos, digo: tampouco a inteligência nunca salvou ninguém, e isso é verdade, pois, se é em nome da ineligência e da filosofia que se proclama a igualdade dos homens, é também em nome delas que se decide pelo extermínio desses mesmos homens. (FANON, 2023 p. 43)

Nietzsche, filósofo alemão da segunda metade do século XIX, foi considerado por Habermas (2002) como ponto de inflexão, pois aponta que ao longo da história da filosofia a dimensão humana da sensibilidade foi posta de lado para que se pudesse supervalorizar a razão como única dimensão humana natural. Pode-se dizer que Nietzsche foi um dos pensadores que abriu caminhos para os novos ares da contemporaneidade, em despedida à modernidade e seus ideais de humano e progresso. Nesse sentido, na dimensão temporal contemporânea, na qual estamos inseridos, nós temos um contexto de pensamento voltado à intersubjetividade. A questão central deixa de ser a razão e sua potencialidade de levar ao progresso, evidenciando a dimensão humana da pluralidade e do diálogo. A ideia de política enquanto espaço *entre* os indivíduos (ARENDRT, 2010) vai difundindo-se e abrindo novas possibilidades de reflexão.

Há, portanto, no período contemporâneo, o enfraquecimento da ideia de verdade absoluta, posto que há agora a consideração do outro e da diversidade de contextos e culturas. Ainda assim, é neste período que veremos brotar o neoliberalismo, uma nova razão de mundo, a qual, ainda que esteja inserida no período contemporâneo, se funda sob bases modernas e vem novamente a traçar um ideal de sujeito: o *homo economicus*².

O NEOLIBERALISMO E O HOMO ECONOMICUS

O neoliberalismo, surgido no século XX, não é simplesmente uma continuidade do liberalismo. Seria demasiado simplista inferir que o neoliberalismo é mera consequência, pois mais do que isso, trata-se da construção e implementação de uma

² *Homo economicus* é um conceito que abarca um conjunto de perspectivas sobre os seres humanos, crendo que supostamente tomariam suas decisões com base na razão, sempre visando a expansão do lucro e ao melhor custo-benefício. O conceito caracteriza o sujeito como empresa de si mesmo. Trata-se de uma utopia.

Revista Gepesvida

“nova razão do mundo”, de uma lógica que se estende a todos os setores da sociedade, incluindo o próprio Estado, que pela internalização da lógica neoliberal, a reproduz em suas instituições públicas. Afirmo que o neoliberalismo se funda sob bases modernas pois resgata um ideal de sujeito, como se a pluralidade e os diversos contextos sociais não interferissem na forma de ser, conduzir-se e ver o mundo:

A exigência de “competitividade” tornou-se o princípio político geral que comanda as reformas em todos os domínios, mesmo os mais distantes dos enfrentamentos comerciais no mercado mundial. Ela é a expressão mais clara de que estamos lidando não com uma “mercantilização sorrateira”, mas com uma expansão da racionalidade de mercado a toda a existência por meio da generalização da forma-empresa (DARDOT, LAVAL, 2016, p. 27)

Dessa forma, percebe-se que o neoliberalismo não é apenas uma doutrina econômica, mas uma forma de governo dos homens, constituindo-se a partir de uma teia de relações humanas e mercadológicas, de caráter complexo. Em uma sociedade da diferença, como é a contemporânea, os ideais neoliberais se estenderão aos mundos de contextos que constituem um todo plural, produzindo subjetividade e inculcando modos de pensar.

Assim, no sentido da produção de subjetividade e disseminação de ideologias, o neoliberalismo é também formativo. Ou seja, impacta no desenvolvimento dos sujeitos e suas respectivas formas de ser/estar no mundo. O homo economicus, neste caso, se dá como uma idealização do ser humano e da sociedade, constituindo um ser a-histórico e dissociado da realidade em que vive, estando atrelado às ideias de lucro e meritocracia. Para uma sociedade neoliberal, calcada na lógica capitalista de mercado, os sujeitos são entendidos como empresas, em que o esforço individual supostamente ditaria o “sucesso”, o qual, neste contexto, se reflete em acumulação de capital. O sucesso humano enquanto felicidade, realizações pessoais, boas relações familiares e afetivas, assim como o bem-estar físico e mental, são anulados em nome do lucro.

O intenso fomento à acumulação de capital, ao sucesso financeiro e a redução dos indivíduos ao trabalho e à lucratividade em todas as esferas da vida, faz com que essas sociedades sejam regidas pela competição e individualidade, menosprezando a dimensão humana da sensibilidade e da intersubjetividade. Dado o enfraquecimento das relações e a instrumentalização do tempo e dos espaços intersubjetivos, temos que

A concorrência como norma social de vida foi o vetor do aumento das desigualdades. Em toda parte, ela justificou, em nome da competitividade, a

Revista Gepesvida

transferência das riquezas em favor do capital, a redução dos auxílios aos mais pobres e a degradação dos serviços públicos. [...] O modelo social do “empreendedor de si”, posto em situação de concorrência, é um fator fundamental de diferenciações sociais. Uma sociedade neoliberal exclui a divisão entre classes pelo fato de que cada é um capital e deve funcionar como tal. Todos os componentes da democracia liberal eram progressivamente consumidos pela *grande conversão* à língua da economia. (LAVAL, 2020, p. 144)

Dessa forma, discursos como o da meritocracia emergem com naturalidade no seio social, e há uma intencionalidade evidente nestas formas de pensar e discursar: a transferência de uma culpa histórica e estatal aos indivíduos socialmente marginalizados. Não podemos nos esquecer, o Brasil foi o último país da América Latina abolir a escravização de pessoas, e não o fez de bom grado. Pressões externas e rebeliões internas tiveram um papel fundamental nesse contexto. Olhando para o hoje, vemos o reflexo do passado, mas não só. As desigualdades e discriminações na sociedade brasileira contemporânea se perpetuam também a partir do agora. O racismo, em específico, se mantém porque se quer despercebido, estrutural e estruturante. Assim, a lógica neoliberal além de negar o presente, os contextos, as diferenças, as peculiaridades humanas, nega também o passado, se firmando num ideal de sujeito a-histórico.

2. O RACISMO

O racismo é caracterizado como discriminação com base na raça, porém, não se trata de algo tão simples e evidente. Ao falar em racismo, estamos falando acerca de um fenômeno complexo, que tem caráter formativo. Ou seja, em uma sociedade estruturalmente e institucionalmente racista, o racismo se dá como elemento participante da formação dos indivíduos, explícita ou implicitamente. O termo educação remete muito frequentemente às instituições de ensino, mas é preciso perceber que a educação, enquanto processo formativo, de ensino-aprendizagem com o outro e com o meio, se dá nos mais diversos contextos sociais.

Muito se fala em meritocracia como crença, mas é mais do que isso, trata-se de um discurso racista velado, para silenciar sobre a branquitude e sua supremacia nos espaços de poder. Sabe-se que o discurso meritocrático se vincula à lógica neoliberal na medida em que tem caráter individualista e nega as realidades, mas vincula-se também ao racismo porque os dados nos apontam os lugares sociais de pessoas brancas e pretas.

Revista Gepesvida

Assim, ao constatar que o subemprego, as prisões e os espaços marginalizados são ocupados em maioria por pessoas negras e, ao contrário, os espaços de privilégio ocupado por pessoas brancas, temos que a meritocracia não é somente uma crença, mas um discurso para silenciar a desigualdade social e para fortalecer a manutenção dos privilégios historicamente transferidos a determinado grupo. Cida Bento define bem o conceito:

O conceito comum de meritocracia é o de um conjunto de habilidades intrínsecas a uma pessoa que despende esforço individual e não estabelece nenhuma relação dessas “habilidades” com a história social do grupo a que ela pertence e com o contexto no qual está inserida. Ou seja, a meritocracia defende que cada pessoa é a única responsável por seu lugar na sociedade, seu desempenho escolar e profissional etc. Parte de uma ideia falsa para chegar a uma conclusão igualmente falsa. (2022, p. 21)

Dessa forma, o discurso meritocrático não só busca negar o passado, mas também fechar os olhos ao presente. Para pessoas brancas, talvez o racismo não seja tão óbvio, assim como para os homens o machismo possa passar despercebido. Isso se dá porque uma opressão que não atinge diretamente o indivíduo, é tida para ele como inexistente. Mas não é só isso, porque a opressão que não o atinge, também o privilegia, em certo sentido. No caso do racismo brasileiro contemporâneo, nós temos diversas formas de manifestação. Há uma confusão comum, em que se acredita que o racismo é mero ato de xingamento e sempre evidente. Essa perspectiva equivocada reproduz violências, afinal, nega o racismo cotidiano e suas micro expressões, as quais são essenciais para que a discriminação racial explícita possa vir acontecer. No contexto do capitalismo e da lógica neoliberal, temos que

Uma sociedade que se alimenta do lucro e do preconceito de raça vendido como liberalismo meritocrático, na verdade, está impondo o “capitalismo racial [...]”. O capitalismo racial elucidado como o capitalismo funciona por meio de uma lógica de exploração do trabalho assalariado, ao mesmo tempo que se baseia em lógicas de raça, etnia e de gênero para expropriação, que vão desde a tomada de terras indígenas e quilombolas até o que chamamos de trabalho escravo. (BENTO, 2022, p. 41)

Assim, o discurso meritocrático é apenas mais uma das ferramentas utilizadas para civilizar o racismo, para fortalecê-lo de forma despercebida, de forma aparentemente acidental. O “não falar sobre”, neste caso, se dá como elemento fortalecedor da estrutura e estabilizador de lugares sociais, pois a posição do negro no presente não se dá só pelo passado histórico, é preciso perceber a permanência destes lugares através do próprio

Revista Gepesvida

presente e das relações que se estabelecem neste contexto:

A elaboração do passado não significa elaborá-lo a sério, rompendo seu encanto por meio de uma consciência clara. Mas o que se pretende, ao contrário, é encerrar a questão do passado, se possível inclusive riscando-o da memória. O gesto de tudo esquecer e perdoar, privativo de quem sofreu a injustiça, acaba advindo dos partidários daqueles que praticaram a injustiça. Certa feita, num debate científico, escrevi que em casa de carrasco não se deve lembrar a força para não provocar ressentimento. Porém a tendência de relacionar a recusa da culpa, seja ela inconsciente ou nem tão inconsciente assim, de maneira tão absurda com a ideia da elaboração do passado, é motivo suficiente para provocar considerações relativas a um plano que ainda hoje provoca tanto horror que vacilamos até em nomeá-lo. O desejo de libertar-se do passado justifica-se: não é possível viver à sua sombra e o terror não tem fim quando culpa e violência precisam ser pagas com culpa e violência; e não se justifica porque o passado de que se quer escapar ainda permanece muito vivo. (ADORNO, 2023, p. 31)

Dessa forma, nota-se que a sociedade brasileira foi sendo arrastada e determinada por um passado cada vez mais silenciado e não elaborado, fazendo com que o presente tenha sua parcela participativa neste fenômeno. Quando discute-se a questão das cotas raciais, por exemplo, o neoliberalismo enquanto forma de ver o mundo, negará a legitimidade dessas ações afirmativas. Afinal, a suposta crença no mérito vem a anular todos os fatores externos, sociais e históricos que conduzem os indivíduos no seio social. Nesse sentido, o sentimento de ameaça também emerge, pois com essas políticas há também a pretensão de modificar estruturas e lugares predestinados, fazendo com que aqueles que sempre estiveram em situação de privilégio, independente de mérito, tenham dividido-os com aqueles que são tidos como não merecedores.

3. A EDUCAÇÃO

Na educação formal, o discurso meritocrático se impõe a partir de pequenas práticas e sutilezas: exames que hierarquizam e avaliam saberes culturalmente valorizados pelos grupos dominantes, classes individualizadas, em que o rosto do outro se põe distante, olhos à nuca do colega e cada um por si. Dessa forma, cada qual traça seu caminho, cada qual busca seu próprio sucesso. A educação neoliberal é aquela que instrumentaliza os saberes para o lucro, que silencia sobre a pluralidade, sobre a ética. Nesse sentido, para Cambi (1999), as mentalidades educativas e os valores pedagógicos caracterizam-se como produtos históricos e reflexo do meio. Aprendemos que as coisas

Revista Gepesvida

possuem seu valor baseado naquilo que são capazes de produzir, mas nem tudo precisa de utilidade imediata. É esta razão instrumental que caracteriza a lógica neoliberal, pois tudo deve servir de instrumento para algum fim, tudo deve atender à forma-empresa.

Ainda que algumas instituições pareçam livres dessa lógica, o caráter insidioso do neoliberalismo garante que as subjetividades produzidas no contexto capitalístico se encarreguem, de forma até mesmo inconsciente, dessa competição construída e da instrumentalização do outro, da natureza, dos saberes. Trata-se de uma estratégia de massificação, de predestinação e manutenção de lugares sociais a partir da produção da subjetividade.

A produção da subjetividade visa alterar justamente a percepção do indivíduo sobre si e sobre o mundo. Ora, a marginalização, a pobreza, a dificuldade de mobilidade social deixa de ser um problema do Estado e passa a ser transferida aos indivíduos. A culpa passa a ser um fardo, pois agora, neste contexto de capitalismo selvagem, de educação instrumentalizadora, basta querer para ser. Assim, a escola enquanto instituição formadora e normalizadora, tem um papel fundamental para o fortalecimento de certos tipos de pensar. No Brasil, por exemplo, a ideia do mérito está fortemente arraigada e disseminada.

Mas ao falar em educação, não me refiro somente aos ambientes formais de ensino. Na mundanidade, nas relações intersubjetivas e diante do rosto do outro, há valores que escapam à utilidade e à instrumentalização. Assim, o indivíduo que se desenvolve sob essa lógica, tem suas relações prejudicadas, não consegue olhar para o outro sem instrumentalizá-lo. Nesse sentido, as próprias relações humanas vão enfraquecendo. Quando atentamos para a educação enquanto processo formativo mais amplo, temos como reflexo uma sociedade individualista, imediatista, frustrada e consumista. A natureza é desrespeitada, as relações tornam-se frias e oportunistas, os indivíduos competem entre si. A sociedade como um todo se deteriora. É preciso perceber que para além de uma razão instrumental, há a razão crítica, a qual deve ser cultivada. Seu caráter emancipador direciona-se ao fomento à consciência crítica e à autonomia do pensar e ser. Em uma sociedade plural, estes elementos são fundamentais, afinal, nós não somos todos iguais. Agimos, pensamos, vivemos e falamos de lugares diferentes. Portanto, as normas econômicas de mercado não servem para orientar nossas condutas e pensamentos, definindo quem é digno ou não de ocupar determinados espaços.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste ensaio foram abordadas algumas características do neoliberalismo, enquanto nova razão de mundo, e suas respectivas implicações no âmbito social da educação e do racismo. Assim, foi possível perceber que a lógica neoliberal não é apenas uma teoria econômica e não se restringe ao campo das ideias, estendendo seus tentáculos para as diversas dimensões da vida, interferindo em instituições, produzindo subjetividades e conduzindo condutas. Trata-se de um poder e ação exercidos à distância.

O neoliberalismo, portanto, é reprodutor das desigualdades sociais e do racismo, na medida em que coloca como ideal um sujeito sem passado e sem contexto, voltado à produtividade em todas as áreas da vida. Assim, com o discurso meritocrático, há a tentativa de invisibilizar heranças históricas e discriminações estruturais. Há o silenciamento sobre uma estrutura que desprivilegia alguns e privilegia outros. Além disso, o neoliberalismo se liga tanto à educação formal, na medida em que a lógica da competitividade, do lucro e da individualidade é internalizada pelo estado e refletida nas dimensões públicas com o objetivo de manter os indivíduos em certos lugares, destinados a determinadas condições de trabalho, quanto liga-se à educação informal, na medida em que a própria sociedade se articula em torno de ideias e formas de conduzir-se, fortalecendo as perspectivas de sujeito-empresa e a deterioração das relações intersubjetivas, pelo viés da competitividade e da instrumentalização do outro. Por fim, é preciso dizer que a educação deve ser crítica. As escolas, com base nos alertas de Foucault (2014), não deveriam ser espaços de docilização e massificação dos corpos, mas espaços de livre alteridade e diferença: de olhar, pensar e estar com o outro, não para competir, mas para que cresçamos juntos.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. Educação e Emancipação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

ARENDT, Hannah. A Condição Humana. 11.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BENTO, Cida. Pacto da Branquitude. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

Revista Gepesvida

CAMBI, Franco. História da Pedagogia. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

DARDOT, Pierre.; LAVAL, Christian. A Nova Razão do Mundo. São Paulo: Boitempo, 2016.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. 4. ed. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GUATTARI, Félix. As Três Ecologias. 21. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

HABERMAS, Jurgen. O discurso filosófico da modernidade. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LAVAL, Christian. Foucault, Bourdieu, e a questão neoliberal. São Paulo: Elefante, 2020.

MATTÉI, Jean-François. A barbárie interior: ensaios sobre o i-mundo moderno. São Paulo: editora UNESP, 2002.